



ACERCAMENTO AO CANTO DE MARIA ANTONIETA TATAGIBA

APPROACH TO THE SONG OF MARIA ANTONIETA TATAGIBA

Ester Abreu Vieira de Oliveira

Doutora em Letras Neolatinas (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Pós-Doutorado em Filologia Espanhola: Teatro Contemporâneo - UNED
E-mail: esterioi@gmail.com

DOI <https://doi.org/10.26893/rm.V41.i41.584>

□□□

Resumo: Analisa os poemas de Maria Antonieta tatagiba, principalmente na obra *Frauta Agreste*, destacando o caráter intertextual e os aspectos do neosimbolismo e do Parnasianismo, observados no soneto “O Riso” do parnasiano Raimundo Correia.

Palavras-chave: Literatura. Poesia. Maria Antonieta Tatagiba

Abstract: Analyses the poems of Maria Antonieta Tatagiba, mainly in the work *Frauta Agreste*, highlighting the intertextual character and the aspects of neosymbolism and Parnassianism, observed in the sonnet “O Riso” by the Parnassian Raimundo Correia.

Keywords: Literature. Poetry. Maria Antonieta Tatagiba

□□□

A escritora Maria Antonieta Tatagiba, filha de Maria Rita de Castro e de Artur Antunes Siqueira, nasceu em 17 de setembro, na Fazenda União, São Pedro Itabapoana ES, em 1895, e faleceu em 13 de março de 1928, nessa mesma cidade.

Foi colaboradora de jornais e revistas capixabas, professora e diretora de escola e dedicou-se intensamente à produção literária. Com a publicação de *Frauta agreste*, em 1927, ela se tornou a “Primeira Poeta Capixaba”.

Frente a uma realidade palpável, experimenta-se, ao ler os poemas de Antonieta, que eles têm uma meditação muito íntima. Em sua poética, ela interpreta a vida espiritual e moral de um Ser que se afirma na palavra

Antonieta percebia o papel de submissão das mulheres. Em entrevista à revista *Vida Capixaba*, em 1925, ela aborda a sua visão sobre as percepções tradicionais para as mulheres:

A mulher é um manancial de nossa felicidade, é uma criatura quase divina, que não deve viver a não ser no ambiente puro da família, é um anjo, é uma deusa, é o sol de nossa vida. Tudo isso seria muito belo, agradaria à fantasia, entusiasmaria as almas sentimentais, mas não melhoraria a situação da mulher na sociedade [...].

Deixem que as mulheres lutem e trabalhem, nem todas se casam, nem todas possuem um lar, nem todas se acham ao abrigo das necessidades, a essas que provem a subsistência com o labor das próprias mãos, o nosso carinho e o nosso respeito, porque enobrecem, exaltam as virtudes e elevam a dignidade.

A importância literária de Maria Antonieta vem sendo destacada após a sua morte no caminho da imortalidade. Além de patrona da Cadeira 02 da Academia Feminina Espírito-santense de Letras é, ainda, da Cadeira 32, da Academia Espírito-santense de Letras. Também, seu nome consta, por decreto municipal, no nome de uma rua no bairro de Jucutuquara, Vitória, ES, e no do Clube Recreativo de Leitura do Grupo Escolar “Padre Anchieta”. Sua fama foi acrescida com decreto Estadual que considera o dia 13 de março, o Dia Estadual da Poetisa Capixaba, por ser o dia em que faleceu Maria Antonieta Tatagiba.

Os poemas de Antonieta são uma aula de formas poéticas. Em *Frauta Agreste* pode-se sentir o amor da autora pela natureza de seu rincão natalino e ecos de poetas brasileiros, famosos da primeira metade do século XIX, entre eles Vicente de Carvalho, citado na epigrafe do poema “Falando ao sol”. No soneto “O riso” nota-se o reflexo de tristeza e desilusão do poema “Mau Secreto”, de Raimundo Correia e, também na forma do soneto decassílabo, muito utilizado entre os poetas parnasianos. Os respectivos sonetos trazem a temática da hipocrisia, da falsidade, do fingir das aparências. Mas se pode verificar na obra de Maria Antonieta, ecos de outros escritores parnasianos: João Ribeiro, Francisca Júlia da Silva, Alberto Ribeiro, Fagundes Varela e, principalmente do parnasiano, com influência modernista, o chamado o Príncipe dos Poetas, Olavo Bilac.

O Parnasianismo é um movimento literário surgido no final do século XI de influência francesa, com tradição clássica. Os poe-

tas procuravam valorizar a paisagem nacional e o sentimentalismo, utilizar um vocabulário culto, os sonetos, bem como as rimas raras.

O escritor e crítico literário Francisco Aurelio Ribeiro aponta a poesia de Maria Antonieta Tatagiba como pouco representativa do nascente modernismo e considera sua arte poética como bucólica, panteísta, neo-simbolista.

O Simbolismo também é um movimento surgido na França. Os poetas dessa escola procuravam resgatar os símbolos. Por meio da palavra buscavam obter uma conexão entre os mundos opostos: o espiritual e o material. Para alcançar esse objetivo se apoiavam em sinestésias, vocabulários etéreo, antíteses e paradoxos, usos de pausas, aliteraões e musicalidades rítmicas. Essas características se encontram nas composições dos principais representantes no Brasil dessa Escola: Cruz e Souza e Alphonsus Guimarães.

No soneto “O riso” de Antonieta é aceitável apontar algumas das características da forma simbolistas nos dois quartetos iniciais, por exemplo, na antítese; dor/prazer; aliteraões: “vida, olvidar, vinho”; pausas, nas reticências, e no ritmo. Com esses dados ele poderia ser classificado como simbolista: “Bendito seja o riso que aos negros/ Da vida, ao infeliz faz olvidar,/ Como o vinho, adormece as nossas dores,/ De quem sofre é conforto singular.// Disfarça o sentimento sob flores.../Padeces? Trazes na alma algum pesar?/ **Ri** que o **riso** adormece as nossas dores/ E nele um lenitivo hás de encontrar [...]”

Se se apoia, em *Frauta Agreste*, nas duas estrofes iniciais do poema “À beira da mata”, pode-se detectar a musicalidade do poema, reticências, figuras de linguagem como sinestesia: “relva fina/doce”, “sol tépido/louro”:

Que suave frescor
Nesta relva tão **fina**... e quanto é **doce**
A sombra desta rama... e estas amoras
Nos galhos ainda em flor...
E este céu qual se fosse
De tão azul, pintado há poucas horas...
Somente o guizo de ouro
Dos insetos, tinindo de alegria

Na orla fresca do bosque se desata...
O sol *tépido e louro*
Furando a ramaria,
Cobre o chão de arabescos cor de prata” (Grifos nossos)

E em “igreja campesina”. Com esses dados revelam-se sentidos de simplicidade e cristianismo, com três qualidades opostas: “branca, singela, pequenina”. O poema está pleno de musicalidade. Há nele um sentido de mistério, solidão, velada tristeza, rigor formal, presença de reticências e exclamações. Por essas ressonâncias, pode-se aproximá-lo aos poemas dos escritores da Escola Simbolista, ou da poética dos seus dois representantes do Brasil: Alphonsus Guimarães e Cruz e Souza. Eis o poema:

Pequena a Igreja, sem ornatos vão,
Mas como esta pobreza se combina
À suave humildade dos cristãos!
E assim branca, singela e pequenina
Ressumbra a mais suave poesia:
Uma tristeza mística, divina,
Cuja doçura as almas alivia...
A Dor mais viva e atroz logo adormece
Ante este olhar tão santo de Maria...
Nesta paz que convida à cisma e à prece
Como a gente se sente bem – tão bem,
Que a própria vida o coração esquece...
As harmonias do órgão que retém
Nosso ouvido, nos fica a acalantar...
E este aroma de incenso e de cecém
Que nos fala do céu, nos faz sonhar...
Belos lírios de alvura imaculada
E boninas do campo aos pés do altar... (p. 82)

Seguimos com a ideia de que o presente é dirigido pelo passado e esse é alterado pelo presente. Eliot declarou que toda obra nova está inserida em uma ordem simultânea com as precedentes. Há no novo um desejo de ultrapassar o cenário antigo. E são os antigos que

formam os modernos. São os poetas mortos que afirmam a sua imortalidade na obra nova. Aqui se pode apoiar em Kristeva de que todo texto é uma leitura de outros textos e de que nenhum de nós será capaz de pensar uma única ideia. O único e primeiro criador é Deus, os demais são desvios do precursor e, claro, desviar só não basta é preciso acrescentar algo que este não pensou.

A intertextualidade ocorre em alguns poemas de Antonieta como em “Falando ao sol”, há ecos do “Hino da Bandeira do Brasil” (p. 35); “A sesta de Nero” (p. 91) ecos de Petronio e Vinicius e “Leda” (2015, p 87) da mitologia grega e em “O riso”, como apontamos, ecos do soneto “O Riso” do parnasiano Raimundo Correia. Mas o sentido imagético e sugestivo que se sente em muitos poemas de Antonieta, a musicalidade dos versos, e palavras raras, descrições do crepúsculo com a presença de luz e sombra, e de uma certa interioridade humana e religiosidade, como por exemplo no poema “Igreja Campesina”, coloca Maria Antonieta Tatagiba, como nossa poeta simbolista encavalgada no Parnasianismo.

REFERÊNCIAS

- FLEURY, Karina de Rezende Tavares. *Alma de flor*. Maria Antonieta Tatagiba: vida e obra. Vitória: Prefeitura de Vitória, 2007.
- KRISTEVA, J. *Introdução à semiótica*. São Paulo, SP: Perspectiva, 2012.
- TATAGIBA, Maria Antonieta. *Frauta agreste*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro Freitas Bastos, 1927.
- TATAGIBA, Maria Antonieta. O riso. In: FLEURY, Karina de Rezende Tavares. *Alma de flor*. Maria Antonieta Tatagiba: vida e obra. Vitória: Prefeitura de Vitória, 2007. p. 70.

